Coronel Delmiro Gouveia entusiasmou público do XI Festival de Brasília

200

BRASÍLIA, 27 (De Ivo Egon Stigger) — O XI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro está começando a esquentar. "Delmiro Gouveia", exibido ontem à noite, na mostra competitiva, é certamente o filme de maior força entre os três — "Chuvas de Verão", de Cacá Diegues; "Curumim", de Plácido de Campos Júnior, e o próprio — já mostrados aqui.

O público aplaudiu entusiasticamente o longa metragem de Geraldo Sarno. De fato, é um belo filme. Sarno conduz de forma muito segura as ações da fita, que narra a história — real — de Delmiro Gouveia, um brasileiro fora do comum.

Delmiro, no início deste século, construiu uma hidrelétrica — aproveitando a Cachoeira de Paulo Afonso — construiu e iluminou uma cidade de seis mil habitantes e montou um complexo de fábricas para produzir fios que ele mesmo plantou no agreste Sertão Nordestino.

O sucesso do empreendimento industrial de Delmiro começou a criar problemas à multinacional inglesa Macchine Cotton, que mantinha o monopólio do mercado latino-americano, aí incluído o brasileiro. Os ingleses propõem a compra da fábrica, mas Delmiro resiste e não a vende. A 10 de outubro de 1917, Delmiro Gouveia é assassinado com três tiros, um dos quais no coração. Até hoje, as autoridades brasileiras não identificaram com segurança os autores do atentado.

O filme de Geraldo Sarno deixa a questão em aberto, mas mostra claramente quem lucrou com a morte de Delmiro Gouveia: os ingleses da multinacional. Pouco tempo depois do assassinato de Gouveia, os ingleses compram a fábrica. Despedem os dois mil e trezentos operários, quebram as máquinas e atiram os pedaços no rio São Francisco.

Importante lembrar que essa multinacional inglesa consolidou sua posição no mercado latino-americano, onde, hoje, seus produtos são largamente consumidos, mantendo, inclusive, em alguns países da América do Sul, o monomólio da produção e comercialização.

OS CURTAS DE ONTEM

A exemplo dos demais curtas em 35 milímetros que vêm sendo exibidos no Cine Brasília, os dois do programa de ontem — "Rio de Contas", de Bubi Leite Garcia e "Cavalhadas de Pirenópolis", de José Petrillo — realizam importante e necessário trabalho de documentação da vida e das coisas brasileiras.

Ambos os curtas nada acrescem ao desenvolvimento da linguagem cinematográfica, mas isto não diminui a importância que assumem como veículos de registro da memória nacional. "Rio de Contas" fotografa o cotidiano dessa cidade do interior baiano, entrevista as autoridades locais — o prefeito, vereadores, o padre, líderes comunitários — operários, camponeses. Enfim, um trabalho completo de documentação. "Cavalhadas de Pirenópolis" registra a festa do Divino, maior acontecimento social, esportivo, religioso que movimenta Pirenópolis, velha e estagnada cidadezinha do interior goiano, sobrada dos tempos áureos do ciclo do ouro e do diamante, séculos passados.

OS FILMES DE HOJE

"A Queda", de Ruy Guerra e Nelson Xavier, é o longa que será mostrado hoje, no quarto programa dos filmes de 35 milímetros selecionados para concorrer aos prêmios em dinheiro e aos troféus "Candango" do festival de Brasília.

"A Queda" — de certa forma a continuação do filme anterior de Ruy Guerra, "Os Fuzis" (1963), pois retoma os mesmo personagens, agora transladados do Sertão Nordestino para o Grande Rio de Janeiro — é um estudo das condições de trabalho e de segurança do operário da construção civil, de uma forma particular, e brasileiro, de um modo geral.

Segundo seus realizadores, "A Queda" se desenvolve numa atmosfera de intensa realidade social, narrando a história de um soldador que cai do andaime em que trabalhava sem nenhum dispositivo de segurança. Moribundo, é carregado até um hospital pelos companheiros da obra. José morre e já no velório começam os conflitos sociais, os mesmos de "Os Fuzis", mas que ainda não foram superados, pela economia e estrutura brasileira nestes 15 anos que separam "Os Fuzis" de "A Queda".

O operário não estava regularmente registrado. Isso complica a empresa. Há uma tentativa de suborno da viúva de José — o operário morto — que é impedido por Mário — um outro operário e amigo de José. A viúva recusa o cheque e não assina o documento em que eximia a empresa da culpa na morte do marido.

Envolvida numa concorrência pública que promete grandes lucros — explica a sinopse distribuída pelos realizadores do filme aos jornalistas presentes ao Festival — a empresa não pode correr o risco de ver denunciadas as más condições do trabalho de seus empregados.

Mário — de forma instintiva — vai assumindo certa liderança entre os operários. Entre a empresa e os operários, se movimenta o empreiteiro Salatiel, que compreende a posição de Mário — é, inclusive, sogro dele — mas está conivente e comprometido com as intenções dos industriais. Os donos da empresa prometem muitas vantagens e prêmios em dinheiro a Salatiel, caso ele consiga fazer com que o genro desista de suas reivindicações.

Mário luta até que o próprio advogado da viúva é subornado, aconselhando-a a assinar um acordo com a empresa. Mário perde o emprego, briga com a mulher e o casal se separa. O filme termina com Mário tentando se reencontrar na nova situação. A cena final de "A Queda" mostra o nascimento do sol.

Ruy Guerra está em Angola, colaborando com o nascimento da indústria cinematográfica daquele país, que recém-conquistou sua independência política, mas Nelson Xavier, co-autor do roteiro e da direção, chegou ontem à noite em Brasília.

— Esta é uma fita feita com muita paixão — disse Xavier a respeito de "A Queda" — paixão por buscar de novo o documento, a realidade viva, nossa, brasileira. O filme registra as contradições da sociedade brasileira no seu estágio mais agudo.

Nelson Xavier é Mário, Hugo Carvana, José. Aparecem também Isabel Ribeiro e Lima Duarte, este último como o empreiteiro Salatiel.

"Os Partideiros", de Carlos Tourinho e Clóvis Scarpino, e "O Universo de Mojica Marins", de Ivan Cardoso, são os dois curtas inscritos para a sessão de hoje no Cine Brasília.

SIMPÓSIO

Na tarde de ontem se reuniram, nas dependências do Hotel Nacional, produtores, diretores, fotógrafos, exibidores e demais representantes das diversas categorias que compõem a indústria cinematográfica, para tratar do programa e planejamento do primeiro simpósio nacional do cinema brasileiro que terá lugar no Rio de Janeiro, na primeira quinzena de agosto.

Segundo Miguel Borges — presidente do Sindicato da Indústria Cinematográfica — a intenção do Simpósio é a formulação de uma política global para o cinema brasileiro.

A primeira semana do Simpósio será dedicada — ainda segundo Borges — a estudos das diversas comissões que serão formadas e a uma reunião plenária. A outra semana constará de sessões plenárias, um dia para cada entidade ou categoria — formadoras das diversas comissões — apresentar à assembléia suas conclusões e recomendações.

O Simpósio será financiado pelas próprias entidades participantes, não recebendo nenhum tipo de auxílio ou verba oficial. "Nós queremos que seja assim — diz Borges — pois isso nos dará uma liberdade maior na abordagem de temas como "Mercado de Trabalho", "Mercado de Produção", "Mercado de Exibição", "O Filme Como Produto Cultural" e outros.

VEÍCULO Correio do Povo
CID. P. Alegre EST. R. G. S.
COL. — EM 28/7/78

12